

O método dialógico aplicado para a pedagogia da juventude

Emerson Facão¹

Resumo

O presente artigo pretende apresentar um projeto de educação informal que foi desenvolvido no NEC (Núcleo de Educação e Cultura) no Centro Cultural Fundação Progresso na Lapa, Rio de Janeiro, no ano de 2007. O projeto que teve apoio do Ministério da Educação e Cultura tinha a finalidade de oferecer aos jovens, através da oficina de Filosofia e Criação Poética, uma oportunidade de fomentar o autoconhecimento e o espírito crítico através do diálogo filosófico a partir do contato com a Filosofia, a Literatura, o Cinema e a Música.

Palavras-chave: Diálogo; Poesia; Educação; Filosofia; Juventude.

Abstract

The present article intends to present an informal education project that was developed at the Nec (Education and Culture Center) at the Fundação Progresso Cultural Center in Lapa, Rio de Janeiro in the year 2007. The project that had the support of the Ministry of Education and Culture had the purpose of offering young people, through the workshop of Philosophy and Poetic Creation, an opportunity to foster self-knowledge and a critical spirit through philosophical dialogue through contact with Philosophy, Literature, Cinema and Music.

Keywords: Dialogue; Poetry; Education; Philosophy; Youth.

A proposta do presente artigo é apresentar um método pedagógico que parte de uma prática filosófica de educação não formal que nasceu a partir do aprimoramento de uma experiência didática que foi desenvolvida a partir do ano de 2007 no ponto de cultura da Fundação Progresso. É importante ressaltar que o aprimoramento dessa metodologia nasceu através de dois acontecimentos² emblemáticos: o primeiro surgiu de uma carência que foi observada no espaço escolar no tempo em que eu era aluno no ensino fundamental e até o ensino médio. E isso ocorreu por volta dos nove anos de idade, quando tive a sorte de achar o livro *O nascimento da tragédia* do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, em um lixão no Complexo da Maré. Nesse encontro *sui generis* fui arrebatado por uma força estranha que teve o poder de me transformar profundamente, pois a minha forma de olhar o mundo, desde então, nunca mais foi a mesma a partir do contato com a Filosofia. O efeito obtido por essa experiência, que os gregos antigos chamam de espanto filosófico³, impulsionou o meu interesse em buscar uma forma de saciar minha profunda curiosidade sobre o mundo.

¹ Emerson Facão é poeta, músico, educador, pesquisador e professor de Filosofia. É graduado em Licenciatura e Bacharelado pela UERJ e especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo IFES. Possui mestrado e doutorado em Filosofia pela PUC-Rio. E-mail: emersonfacao@hotmail.com.

² Para Foucault os acontecimentos não devem ser vistos como pontos isolados ou causas únicas, mas como efeitos de uma rede de relações. Um acontecimento não é algo fixo, mas uma série de deslocamentos que desestabilizam aquilo que parecia estável – ideias, instituições e práticas sociais. Nesse sentido, o acontecimento surge como um conceito que rompe uma cadeia linear e abre espaço para novas formas de pensar e agir. E é exatamente isso que vamos ressaltar a seguir no presente trabalho. Para mais informações, vide a introdução do seguinte livro: FOUCAULT, Michel. *L'Archéologie du savoir*. Paris – Gallimard, 1969.

³ Para tal fenômeno o termo em grego é Tháuma (θαύμα), vide Platão (*Teeteto*, 155 d) e Aristóteles (*Met.* A 982 b).

8

Mas esse desejo aos poucos foi se misturando com uma terrível frustração, pois em cada ano escolar eu esperava encontrar algum professor que pudesse dialogar e reacender a minha paixão, e que ao mesmo tempo pudesse trazer aquela sensação de liberdade infinita, como acontecera ao ler o pensamento escrito daquele nobre alemão que estava distante temporalmente e espacialmente⁴, e paradoxalmente tão próximo de mim. E esse acontecimento me permitiu posteriormente refletir sobre os problemas relacionados à didática e a aprendizagem no processo pedagógico de uma forma geral. Portanto, desde criança tive que me deparar com uma dura verdade que foi obtida através desse fato: mesmo que fosse possível ler todos os livros disponíveis no mundo, era necessário encontrar alguém que pudesse me levar adiante nessa curiosidade, através da troca de ideias que ocorre no processo dialógico, ou seja, a solidariedade e alteridade são condições determinantes para o exercício educativo e filosófico. E é nesse exato momento que podemos compreender como esse contato através do outro é fundamental para o desenvolvimento equilibrado que ocorre entre o desenvolvimento da infância até a fase adulta. Aliás, como afirma Aristóteles no livro da *Política*⁵, esse ato é responsável pelo processo da sociabilidade humana que tem o poder de organizar uma comunidade política justa:

Primeiro, há a necessidade de reunir dois seres que não podem fazer nada um sem o outro: quero dizer, a união dos sexos para a reprodução. E não há nada arbitrário; pois no homem, assim como em outros animais e plantas, tem um desejo natural de querer deixar para trás um ser feito à sua imagem (ARISTÓTELES, 1944, Livro I, 1252 a, 2, tradução nossa).

A partir do que foi exposto por Aristóteles na passagem anterior, a humanidade tem através de uma lei natural o dever de viver de modo compartilhado e integrado com a Natureza para manter a sua existência como indivíduo e como espécie⁶. Nesse sentido, por mais que tentássemos buscar uma vida solitária, era necessário estabelecer algum contato com os nossos semelhantes através desse desejo de saciar a nossa ignorância e incompletude existencial que

⁴ Essa mesma experiência estético-pedagógica podemos encontrar nas obras de grandes pensadores como Platão, que usou a Literatura com o intuito de despertar a nossa curiosidade de forma sutil e envolvente para os problemas trazidos em seus diálogos. Algumas obras permitem criar esse tipo de deslocamento que está ligado com o objetivo de fomentar o interesse pela Filosofia que busca essencialmente cultivar a busca pela sabedoria. Nesse sentido, a nossa faculdade de imaginação é crucial nesse processo. Por isso que desde o período infantil a nossa máxima atenção deve ser voltada para manter o bom desenvolvimento pedagógico. Vide Platão, *Rep.* (livro II, 377a–383c). Aliás, para Paulo Freire, o ato de educar pode ser concebido como um gesto de reinvenção sensível da realidade, como uma travessia poética entre o mundo dado e o mundo possível, que tem o poder de tirar o sujeito das imposições do presente oriundas do passado, como os efeitos do nosso processo terrível de colonização. Essa atitude pode lhe devolver a autonomia, dignidade e o poder de sonhar, imaginar e criar — no tempo, no espaço através do desenvolvimento de sua própria história. Logo, não é fortuito o interesse de grandes pensadores de diversas áreas refletir sobre como atua a imaginação dentro do desenvolvimento humano como um todo.

⁵ Aristóteles, *Política* (Livro I, 1253 a, 10-15).

⁶ Sobre esse ponto, vide o seguinte livro: KROPOTKIN, Piotr. *Mutual Aid: A Factor of Evolution*. Mineola: Dover, 2012.

estão dadas em nós como uma *conditio sine qua non*. Dessa forma é que podemos construir a nossa civilização e a educação carrega o objetivo de formar seres humanos conscientes, críticos, preparados e capazes de conviver, transformar e reinventar o mundo em que vivemos a partir dessa premissa fundamental. E dentro de nossa sociedade, a pessoa responsável por essa árdua tarefa de cultivar e manter todo o legado de informações essenciais é o professor. Pois é ele que atua como um farol que apresenta os caminhos possíveis para nossa busca nesse mundo, através desse contato dialógico com o educando. Sem esse processo de vínculo que equivale à troca verdadeira de experiências, que reside no processo pedagógico, esse desejo de conhecer seria infrutífero. Logo, o desempenho de sua função necessita desse encontro para a realização dos processos fundamentais pedagógicos que são fundamentais para o amplo desenvolvimento de qualquer sociedade.

A segunda perspectiva foi ampliada através da pesquisa de vários modelos pedagógicos antigos⁷. Desde os primórdios, em diversas culturas, esse fenômeno foi algo determinante para a formação dos jovens, sobretudo, nas culturas orais⁸. Como foi ressaltado no parágrafo anterior, a *Literatura*⁹ por si mesma não seria capaz de fornecer ao homem, de modo abrangente, essa experiência essencial do saber, pois a reciprocidade não ocorre nesse contexto. Ou seja, nos deparamos com um espelho que apresenta imagens que produzem o efeito de curiosidade e maravilhamento, mas que não pode interagir e responder as nossas dúvidas, ou até estabelecer o processo de continuidade pedagógica que é fundamental para o desenvolvimento sociopolítico de nossa sociedade. Logo, esse contato é ilusório e inexistente. Dito de outro modo: esse procedimento se torna verticalizado e de caráter monológico, e por isso não pode ser chamado de *diálogo*¹⁰. É uma fala sem escuta como um espelho sem reflexo. Dentro desse processo de aprendizagem pela leitura há uma assimetria essencial que foi apontada por Platão

⁷ Essa pesquisa foi desenvolvida a partir das seguintes obras: 1) JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003; 2) MARROU, Henrie-Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. Tradução de Mario Leônidas Casanova. São Paulo, Editora Herder. Universidade de São Paulo, 1969; 3) MANACORDA, M. A. *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*. Tradução: Gaetano Lo Monaco. São Paulo. Editora Cortez, 1989.

⁸ Sobre essa questão recomendamos a leitura do seguinte livro: HAVELOCK, Eric A. *A musa aprende a escrever: Reflexões sobre a oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente*. Lisboa: Gradiva, 1996.

⁹ É a técnica de compor e expor textos escritos.

¹⁰ É o ato de conversação entre duas pessoas. Mas esse processo para Platão não se resume apenas nesse único aspecto. Para ele, o *processo dialógico* está intimamente relacionado ao campo *ético, epistêmico, social, pedagógico e político*. O próprio *ato de filosofar*, que foi trazido de seu mestre Sócrates, reúne em si todos esses pontos que vão delinear o sentido de sua construção estética e filosófica como um grande escritor e pensador no mundo antigo. No diálogo *Teeteto* (190 a), por exemplo, o filósofo apresenta magistralmente a sua definição conceitual de *diálogo* a partir de uma diferenciação entre o *ato de pensar, opinar, julgar e filosofar* que tem como pano de fundo a discussão em torno do *problema do conhecimento*. É importante ressaltar que essa reflexão está totalmente interligada com a preocupação de apresentar um *novo projeto político e pedagógico* a partir de uma contumaz crítica ao modelo tradicional homérico, que foi ampliado pelo movimento sofista durante o desenvolvimento da fase democrática na antiguidade.

no *Fedro*, que de modo sub-reptício afirma a importância do encontro presencial entre duas almas para o desenvolvimento do processo pedagógico e filosófico:

LXI – Sócrates – logo, quem presume ter deixado num livro uma arte em caracteres escritos, ou quem a recebe, na suposição de que desses caracteres virá a sair algum conhecimento claro e duradouro, revela muita a ingenuidade e o desconhecimento total do oráculo de Amão, dado que imagine ser o discurso escrito mais do que um meio para quem sabe, a fim de lembrar-se do assunto de que trata o documento. Fedro – é muito certo. Sócrates – é que a escrita, Fedro, é muito perigosa e, nesse ponto, parecidíssima com a pintura, pois esta, em verdade, a apresenta seus produtos como vivos; mas, se alguém lhe formula perguntas, cala-se cheia de dignidade. O mesmo passa com os escritos. És inclinado a pensar que conversas com seres inteligentes; mas se, com teu desejo aprender, os interpelares acerca do que eles mesmos dizem, só respondem de um único modo e sempre a mesma coisa. Uma vez definitivamente fixados na escrita, rolam daqui dali os discursos, sem o menor discrimine, tanto por entre os conhecedores da matéria como os que nada têm que ver com o assunto de que tratam, sem saberem a quem devam dirigir-se e a quem não. E no caso de serem agredidos ou menoscabados injustamente, nunca prescindirão da ajuda paterna, pois por si mesmos são tão incapazes de se defenderem como de socorrer alguém. Fedro – A esse respeito, também, falaste com muito acerto. Sócrates – E então? Analisaremos agora outra modalidade de discurso, irmão legítimo do primeiro, para vermos como se forma e quanto é melhor e mais possante do que o outro? Fedro – a que discurso e de que jeito se forma? Sócrates – o que é escrito com o conhecimento na alma de quem estuda, e que não somente é capaz de defender-se, que de falar e silenciar quando é preciso. Fedro – referes-te ao discurso de quem sabe, discurso vivo e animado, do qual, com toda a justiça, pode ser considerado simples simulacro do discurso escrito (PLATÃO, *Fedro*, 275 d-276 a).

No diálogo *Fedro* de Platão podemos conferir que essa novidade era concebida por Sócrates como uma espécie de ilusão de conhecimento que parte do distanciamento entre os interlocutores¹¹. Logo, o método maiêutico-socrático, dentre desse contexto, estava completamente ameaçado. Por essa perspectiva é possível compreendermos o fato de o filósofo nunca ter escrito uma única linha. A filosofia para ele é fundamentalmente calcada no processo dialógico que necessita do contato entre duas almas de modo ativo como uma prática existencial de cunho ético, epistêmico, político e pedagógico. O seu grande discípulo Platão carrega essa marca de modo paradoxal ao escrever os seus livros. Visto que a escrita platônica reflete de modo mimético a imagem do diálogo oral, que é o método deixado pelo seu mestre para a busca de conhecimento, que só pode ocorrer no encontro entre *duas almas*¹². Ele se baseia nos

¹¹ Ou seja, o *diálogo presencial* não pode acontecer dentro desse contexto. Esse ponto é importante por dois motivos: 1) Por apresentar o *caráter pragmático* que o *método dialógico* representava em uma cultura que foi criada a partir da *tradição oral* entre os antigos gregos. 2) A partir do que foi apresentado nessa passagem podemos *avaliar a importância desse método no processo pedagógico e filosófico*. E é exatamente esse último ponto que nos interessa para a fundamentação, e desenvolvimento, de nossa proposta de educação não informal na Fundação Progresso.

¹² Curiosamente a própria definição de *Amor* (*Ἔρως/eros*) e *Amizade* (*φιλία/philia*) – que para os gregos são termos afins – carregam essas características que são apresentadas por Platão em diálogos como *Fedro*, *Banquete* e *Lisis*. O reconhecimento de nossa mortalidade – que define a natureza humana – é reciprocamente atravessado pelo

diálogos socráticos, que segundo Aristóteles, na *Arte Poética* era um gênero literário muito popular entre os gregos¹³. Com o intuito de manter viva a imagem do seu mestre – e consequentemente de sua maiêutica – essas obras escritas servem como uma espécie de convite à Filosofia despertando o interesse do leitor ou espectador. Podemos ver dentro dessa concepção dialógica que o processo subjetivo é atravessado pela troca incessante e necessária com o outro, pois o diálogo não repassa para o indivíduo um conhecimento acabado. Pelo contrário, ele é resultado de um esforço e colaboração mútua que parte da dúvida e da busca compartilhada que sempre permanece viva e aberta. Nesse sentido, é possível, como ressalta o helenista francês Pierre Hadot, compreendermos o motivo pelo qual Platão jamais escreveu utilizando a primeira pessoa do singular. Ao contrário de outros pensadores do seu período, o filósofo-poeta sempre afirmou, através da premissa socrática do não saber, a nossa incapacidade de realizar qualquer atividade desse âmbito sem o auxílio de algum interlocutor que nos estimula sempre a constante busca pela sabedoria. Quando esse contato não é realizado resta apenas o silêncio infértil que se aproxima do egoísmo, da pretensão de saber e, consequentemente da ignorância. Esse caminho filosófico é baseado na constatação da necessidade do outro que atravessa essencialmente a natureza humana desde a sua origem¹⁴. Logo, esse processo revela um traço importantíssimo da visão epistemológica, política e pedagógica do pensamento socrático-platônico que afirma a solidariedade como ponto de partida para a busca da plenitude existencial humana.

Mas dentro desse debate produzido durante o período clássico sobre qual seria o melhor projeto político-pedagógico, nos deparamos com o choque entre a antiga tradição oral, que era fundamentada através do conhecimento musical da poesia, e com o novo uso da *técnica escrita* que começa a atuar como o principal instrumento de armazenamento informacional e jurídico durante o período arcaico. Essa transformação modificou de modo irreversível o processo de subjetividade grego¹⁵. Uma nova mentalidade começa a ser desenhada no qual essa tradição oral, de um modo geral, começa a ser colocada em xeque pelos seus detratores. O efeito desse desgaste resultou no discurso em *prosa* que podemos encontrar nas obras de Heródoto e Tucídides, que apresenta na forma e conteúdo um distanciamento da antiga tradição poética dos

processo de interdependência constante que será posteriormente ressaltado por Aristóteles no primeiro livro da *Política*. Vide Aristóteles. *Pol.* (Livro I, 1252 a, 2).

¹³ Vide Aristóteles, *Poética* (1447b, 11).

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ Vide a hipótese de Havelock sobre essa questão no primeiro capítulo do seguinte livro: HAVELOCK, Eric A. *A musa aprende a escrever: Reflexões sobre a oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente*. Lisboa: Gradiva, 1996.

12

primeiros aedos¹⁶. A palavra do poeta começa a perder o seu revestimento sagrado. No início da *Poética*¹⁷, há uma passagem interessante em que Aristóteles demarca esse distanciamento entre esses dois meios expressivos do pensamento grego¹⁸. A sua abordagem sistematizadora, e perspicaz, é de grande ajuda para detectarmos algumas características dessa nova forma de expressão que é derivada da antiga *arte das musas*¹⁹:

Falaremos da arte poética em si e das suas espécies, do efeito que cada uma destas espécies tem; de como se devem estruturar os enredos, se se pretender que a composição poética seja bela; e ainda da natureza e do número das suas partes. E falaremos igualmente de tudo o mais que diga respeito a este estudo, abordando, naturalmente, em primeiro lugar, os princípios básicos. A epopeia e a tragédia, bem como a comédia e a poesia dítirâmbica e ainda a maior parte da música de flauta e de cítara são todas, vistas em conjunto, imitações. Diferem entre si em três aspectos: ou porque imitam por meios diversos ou objetos diferentes ou de outro modo e não do mesmo. Assim como uns imitam muitas coisas, reproduzindo-as (por arte ou por experiência) através de cores e figuras e outros através da voz, assim também, nas artes mencionadas, todas realizam imitação por meio do ritmo, das palavras e da harmonia, separadamente ou combinadas. Se a música de flauta e de cítara e algumas outras artes similares, como a música de siringe, conseguem expressividade usando apenas a harmonia e o ritmo, a música dos dançarinos [imita], pelo ritmo em si, sem harmonia (pois os dançarinos, através de movimentos ritmados, imitam não só caracteres, mas também emoções e acções). 1447 b - Todavia, a [arte] que imita apenas com palavras em prosa ou em verso, podendo misturar-se diferentes metros ou usar um único, chegou até hoje sem nome. Realmente não temos nenhum termo comum para designar os mimos de Sófron e de Xenarco e os diálogos socráticos, ou a imitação que alguém faça em trimetros, em versos elegíacos ou alguns outros metros similares. Com efeito, as pessoas, juntando ao nome do metro a palavra poeta, chamam a uns poetas elegíacos e a outros poetas épicos, não os designando poetas pela imitação, mas pela semelhança do metro (ARISTÓTELES, 2004, 1447a).

Muitos especialistas²⁰ que analisam essa obra de Aristóteles chamada *Poética*, e que ficou muito famosa por apresentar alguns aspectos sobre a composição das *tragédias* e *comédias* na antiguidade, infelizmente esquecem de ressaltar a importância pedagógica que a poesia desempenhava até o período clássico entre os gregos²¹. E salientar o fato de alguns tragediógrafos antigos como Ésquilo, Sófocles e Eurípides acompanharem essas mudanças através de suas respectivas obras, a partir do choque entre *oralidade* e *escrita*, que promoveram grandes mudanças de *forma* e *conteúdo* das peças que foram encenadas no teatro. Infelizmente, as poucas fontes que sobreviveram até nós não nos fornecem muitas informações precisas sobre essa questão, ou de como era o método de produção para as apresentações em público. Para

¹⁶ Os Αοιδός/*aoidos* eram os artistas responsáveis na antiguidade por cantar as epopeias acompanhadas de algum instrumento musical.

¹⁷ Vide Aristóteles, *Poética* (1447 b).

¹⁸ O termo empregado no texto grego é λόγος/*lógos*.

¹⁹ Μουσική/*mousiké*.

²⁰ Para essa questão recomendamos a leitura da seguinte obra: HALLIWEL, S. *Aristotle's Poetics*. London: Oxford University Press, 1996.

²¹ Vide Platão, *República*, Livro II.

termos uma noção desse imenso problema, essa própria obra aristotélica citada anteriormente é fragmentada, e ainda nutre inúmeras polêmicas em relação à sua origem. Mas o ponto que gostaríamos de destacar aqui é sobre o texto que possuímos, que demonstra a insistência do filósofo macedônio em pontuar os meios necessários para uma boa obra poética alcançar a Beleza através de vários recursos oriundos da música como *ritmo* e *harmonia*, que revelam para nós, que essas obras, além do gestual da dança e do cenário – que também eram elementos essenciais nas apresentações teatrais – baseavam-se na primazia da arte sonora, que vem da herança da tradição oral que ajudou a esculpir e a difundir a obra homérica, aquela que foi o instrumento de comunicação mais importante para a construção do legado pedagógico e político da sociedade helênica logo após a *idade das trevas*²².

Esse segundo aspecto em torno desses modelos pedagógicos antigos, que apresentamos anteriormente, é fundamental não apenas para avaliar o nosso atual processo educacional ocidental, mas ele nos ajuda a compreender e, sobretudo, reformular os nossos métodos a partir desse processo mútuo de construção que ocorre nas relações humanas de modo contextual, justo e equilibrado quando respeitamos o seu caráter múltiplo e disforme. Infelizmente, a nossa tecnologia que deveria auxiliar a estabelecer essa aproximação está sendo utilizada por muitos oportunistas, e que só pensam em lucros imediatos, para produzir o efeito contrário. Ou seja, o espaço²³ de encontro entre professor e aluno está, aos poucos, sendo fragmentado e substituído por uma plataforma virtual que corrobora para o total distanciamento social e a precarização do ambiente escolar real²⁴, um fator essencial para a construção da cidadania e do conhecimento.

Nesse sentido, poderíamos utilizar as mesmas críticas que Platão outrora tecera para a grande novidade tecnológica da escrita, que produziu profundas mudanças na cultura grega em sua época, para nos ajudar a questionar, não apenas os nossos métodos, mas reavaliar de modo crítico o efeito real dessas práticas no contexto sociopolítico em nossa cultura. Pois, como

²² Esse período histórico se caracteriza, por um lado, como o fim da *Era do Bronze*, e por outro como o início do período pré-homérico. Algumas das características que se destacam nesse período é o retrocesso cultural, que foi marcado pela inutilização da escrita durante três séculos e pela reconstrução da sociedade grega.

²³ Não apenas o espaço físico, mas o espaço afetivo que é essencial para o desenvolvimento social e pedagógico. Sendo esse construído pela coletividade fomentada dentro e fora do espaço escolar.

²⁴ É importante ressaltar que a nossa crítica a esse modelo que vem se espalhando em nosso mundo digital refere-se, circunstancialmente, ao nosso projeto pedagógico que caminha na direção diametralmente oposta. Pois defendemos o *diálogo presencial* como o ponto fundamental para a realização e o alcance de nossos objetivos no projeto. Todavia há vários outros aspectos que merecem a nossa profunda atenção que não foram abordados. Por exemplo: qual será o impacto desse modelo pedagógico virtual, que isola o indivíduo em seu computador, ou smartphone de modo sedentário, no processo da construção da cidadania no futuro? E a função docente? Se a Educação for tratada como uma mercadoria supérflua, como já acontece hoje em dia, futuramente o professor poderá ser facilmente substituído por um programa de computador. Algo similar ao que aconteceu aos cobradores de ônibus. E a partir disso surge mais uma questão: será que uma “criatura” poderá educar o seu “criador”? Essa não seria a imagem do total retrocesso humano?

ressalta o professor e pedagogo Mario Manacorda, não podemos omitir que vários destes aspectos da educação estejam em total consonância com o seu contexto social e político de origem, e também interligados aos conteúdos mais fundamentais da história da humanidade como um todo. Sendo assim, todas as características técnicas e materiais do processo pedagógico, que estão relacionadas com a expansão social, política e produtiva, também devem receber a nossa total atenção nas nossas análises, para estabelecer a coerência entre o desenvolvimento teórico e prático no espaço escolar:

Poderá parecer, por outro lado, que esta história, que baseia os aspectos técnicos nos momentos sociais e políticos, deixe um pouco na sombra aquilo que é comumente é o tema central das histórias da pedagogia: isto é, o pensamento pedagógico. Pode ser, mas não se ignorará Platão ou Comenius, como também nunca se encontrarão fatos sem ideias. O que é verdade, talvez, é que se pretende não tanto indagar sobre os sistemas de ideias em si, mas especialmente procurar nelas o reflexo e o estímulo do real, compreender como de época em época o objetivo da educação e a relação educativa foram concebidos em função do real existente e de suas contradições, indagar a opinião geral sobre o fenômeno escolar, verificar o prestígio concedido ou negado à figura do profissional da educação e assim por diante. Neste sentido, a literatura (a saber, a literatura dos literatos), mais do que a literatura dos pedagogos, pode fazer reviver as relações reais e as opiniões generalizadas (MANACORDA, 1989, p. 7).

A escolha dessa passagem não foi ocasional. Pelo contrário, pois, primeiro ela apresenta a intenção de expandir os limites do nosso olhar que é marcado por atividades pedagógicas mais especializadas e, em muitos casos, totalmente distantes da realidade escolar. Segundo, porque nos deparamos com a necessidade de encontrar outras fontes de conhecimento para a renovação das práticas pedagógicas. Logo, se faz necessário ampliar e buscar uma *interdisciplinaridade* mais consistente e realista que possa ser devidamente apropriada para cada situação específica. Seja como for, a escola desempenha esse papel de reunião e expansão desses métodos, pois é ela o espaço de criação no qual o *diálogo* é a única passagem para a construção de uma sociedade que afirme de modo incisivo os valores de *respeitabilidade, igualdade, fraternidade e solidariedade* como pontos cardeais para a construção de uma sociedade pluralista e justa. Mesmo que isso soe utópico para alguns, não podemos deixar de procurar esses ideais no desenvolvimento de nossos projetos educacionais atuais. Caso contrário, ao reproduzir práticas ineficazes que não promovem transformações significativas no processo educativo, corre-se o risco de manter uma pedagogia meramente protocolar para atender os anseios de um mundo marcado pela estrutura capitalista, que visa apenas o lucro e o processo de formação de suas engrenagens produtivas, no qual as ações se tornam mecânicas e desconectadas das reais necessidades dos sujeitos da aprendizagem. Esse tipo de repetição acrítica de métodos, muitas vezes baseados em modelos ultrapassados ou descontextualizados, contribui para a manutenção

do status quo educacional, dificultando a construção de um ensino verdadeiramente emancipador. Em vez de fomentar a reflexão crítica, a autonomia e o protagonismo discente, tais práticas reforçam uma lógica de contenção e controle, perpetuando desigualdades e ineficiências históricas. É necessário, portanto, repensar o fazer pedagógico de modo a incorporar estratégias que dialoguem com a complexidade dos contextos escolares e que possibilitem a emergência de experiências formativas mais significativas e transformadoras.

Em nosso caso, a projeção de todos esses problemas estabeleceu a construção de um sentido fundamental para o nosso projeto pedagógico, que paralelamente estava vinculado às outras demandas de ordem prática de cada contexto social e escolar, que são basilares para o mais amplo desenvolvimento de nossos jovens²⁵, e que foram apresentadas pelo Ministério da Educação e Cultura para a aprovação do nosso curso. Logo, para esse projeto ser realizado no ponto de cultura da Fundação Progresso (NEC) foi necessário alcançar alguns objetivos primários que entre eles estavam: 1) estimular o protagonismo juvenil; 2) ampliar a capacidade reflexiva, crítica e criativa de cada jovem participante; 3) fomentar o hábito da escrita e da leitura. Para a realização desse propósito, a nossa concepção inicial suprimiu intencionalmente vários aspectos da escola tradicional, mas sem perder de vista a análise crítica e aberta com os demais membros que fazem parte do espaço educativo, pois a nossa intenção era de encontrar um denominador comum que pudesse nos fornecer o *leitmotiv* condutor desse processo, e ele se concretizou através do conceito de *diálogo* que foi ampliado pelo filósofo-poeta Platão, através de seu mestre Sócrates durante o período clássico.

Dentro desse horizonte, que foi desenhado através da imagem da solidariedade e cumplicidade, foi possível construir o alicerce para o nosso projeto de educação informal que atendeu alunos de várias escolas públicas entre o período de 2007 até 2016 da cidade do Rio de Janeiro. E esse projeto, para ser concretizado de modo definitivo, teve que alcançar todos esses objetivos logo nos três primeiros meses de existência²⁶. Caso contrário, não teríamos permissão para dar continuidade com o apoio financeiro do governo federal. O nosso primeiro grande desafio foi o ensejo de desconstruir o modelo tradicional da sala de aula, que é muito comum na maioria das instituições de ensino, e para a realização de tal objetivo tivemos que reinventar esse espaço físico que deveria estimular a construção de um espaço afetivo adequado para

²⁵ A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece os princípios e objetivos da educação brasileira. O Art. 1º, § 2º, destaca que “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.” Este dispositivo enfatiza a importância da educação escolar estar conectada com as realidades sociais e profissionais, preparando os alunos para a participação ativa na sociedade e no mercado de trabalho.

²⁶ Esse projeto foi acompanhado por especialistas do MEC, coordenadores do NEC e das escolas participantes da região do Centro do Rio.

propiciar uma atmosfera de empatia, que possibilitasse de modo mais suave o desenvolvimento do processo dialógico através da poesia e da filosofia. Nesse sentido, a nossa grande fonte de inspiração partiu de uma belíssima passagem do diálogo *Fedro* de Platão, no qual Sócrates se afasta dos muros da cidade para iniciar a sua reflexão com o jovem Fedro sobre o amor em um cenário inspirador e vivo da própria Natureza²⁷:

V – Sócrates – por Hera! Que belo sítio para descansar! Este plátano, realmente, é tão copado quanto alto, e aquele pé de agnocasto além da sombra agradabilíssima que sua altura proporciona, embalsama toda a redondeza, por estar em plena florescência. E sob o plátano, também, que fonte encantadora! A água é bastante fria, o que os pés nos confirmam. Deve ser consagrada às Ninfas e a Aquelôo, a julgarmos por estas imagens e figurinhas. Observa também como aqui a brisa é delicada e aprazível; sua melodia clara e estival acompanha o coro das cigarras. Porém, o mais admirável de tudo é a relva, que se eleva gradualmente para formar uma camada espessa. Se nos deitarmos neste ponto, disporemos de travesseiro em tudo cômodo. Revelaste-te excelente guia, amigo Fedro. Fedro – e ti, varão admirável, és a criatura mais rara que eu já vi. Em verdade, conforme confessas, mais pareces estrangeiro que se deixa conduzir, do que natural deste lugar. O certo é que nunca saís da cidade nem cortas as fronteiras. Penso mesmo que jamais foste além das portas da cidade. Sócrates – desculpa-me essa fraqueza, meu caro; é que, sendo como sou, um apaixonado do saber, nem o campo nem as árvores não me ensinam coisa alguma; somente os homens da cidade. Porém agora quer parecer-me que encontrei o meio de trazer-me para fora. Assim como fazem para conduzir animais quando estão com fome, agitando na frente deles algum ramo ou fruta: só com mostrares as folhas desse discurso, me levarás por toda Ática ou por onde bem entenderes. Mas, uma vez que já alcançamos nosso ponto, o mais certo, para mim, será deitar-me aqui mesmo. Vê qual te parece a posição mais cômoda e inicia logo essa leitura (PLATÃO, 2011, 230 c - e).²⁸

Como podemos notar nessa passagem que foi apresentada anteriormente, Platão descreve Sócrates como um filósofo voltado para o interior da cidade²⁹. Ao contrário dos

²⁷ Φύσις/*phýsis*. Para os gregos antigos é uma das noções mais importantes que carrega o sentido da vida que traz as seguintes características: o poder de transformação, destruição e criação de todas as coisas. Esse conceito foi o tema central para as discussões dos primeiros filósofos que foram denominados pré-socráticos. Aliás, na passagem que usamos anteriormente é possível encontramos a diferenciação que o próprio Platão estabelece entre esses primeiros pensadores e Sócrates.

²⁸ Nessa passagem, Platão parece transferir todo o seu devaneio de criação poética, que para ele não é de modo algum racional, mas de inspiração divina das Musas, para a boca de Sócrates. Curiosamente, no diálogo *Íon*, que é defendido por muitos especialistas em estilometria como um livro da fase inicial, ele também discorre sobre essa questão, pois a verdadeira poesia não pode ser fruto de uma técnica, como defendia Simônides de Ceos, mas de um arrebatamento de origem divina. Ou seja, de um poder não humano. Esse ponto é fundamental, por exemplo para compreendermos a crítica que o filósofo faz aos poetas no livro II da *República*. É sabido que a função do poeta em seus primórdios era de cunho sagrado, que aos poucos foi-se laicizando para atender as demandas do período democrático. Para mais informações sobre, recomendamos a leitura da seguinte obra: DETIENNE, M. *Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*. Paris: Maspero, 1967.

²⁹ Essa descrição de Platão apresenta o seu mestre como alguém que se coloca como um pensador voltado unicamente para as questões de cunho ético. Aliás, é importante ressaltar que os sofistas também seguem essa temática, pois com o desenvolvimento da Democracia, esses pensadores itinerantes começaram a despontar como os principais pedagogos para os filhos dos aristocratas. O intuito principal desse projeto pedagógico era torná-los bons oradores para os debates na ágora. É importante ressaltar que o pano de fundo desse cenário, no qual o diálogo se desenvolve, está também a questão entre a relação entre a *phýsis* e o *nomos* (φύσις και νόμος/*phýsis kai nomos*), ou seja, o debate entre a lei da natureza e a lei da convenção humana. Essa era uma polêmica que despertou o

primeiros pensadores, que ficaram conhecidos como pré-socráticos³⁰, o seu escopo filosófico tinha o homem como seu objeto de estudo prioritário. A construção dramática que apresenta a temática sobre o Amor³¹, no início dessa obra, fez com que o cenário dramático fosse deslocado estrategicamente por Platão para longe dos limites da pólis. Ao fazê-lo, o filósofo-poeta parece nos conduzir para uma reflexão que tenta fugir do peso do olhar pragmático, superficial e relativista dos debates entre os intelectuais do período clássico sobre essa importante questão³². Esse lugar que foge do alcance dos debates acirrados no âmbito jurídico e político do cotidiano da cidade apresenta uma temporalidade³³ totalmente diferenciada e própria. O emprego de vários termos utilizados por Sócrates nessa passagem formam uma imagem espacial de tranquilidade e ócio que são essenciais para um diálogo filosófico descompromissado e profundo. Esse ambiente mais primitivo, que remete ao primeiro momento no qual o homem se depara com a grandiosidade da Natureza, é para ele responsável pelo surgimento da própria Filosofia através do espanto³⁴. Logo, esses detalhes não podem ser omitidos na interpretação dessa obra, pois eles são basilares, por exemplo, para compreendermos os motivos pelos quais Platão resolveu construir a Academia e seu projeto político-pedagógico que traz a marca do diálogo, sendo uma grande referência, posteriormente, para a construção de outras escolas filosóficas como a de Aristóteles e Epicuro. A seguir vamos apresentar algumas considerações que nos ajudaram a compreender esses pontos para a fundamentação teórica de nosso projeto.

Desde os tempos mais remotos, o homem grego demonstrou o seu grande esforço na tentativa de expressar, através da força da sua poderosa imaginação, as respostas para essas questões mais elementares. O mito, por exemplo, surge como uma espécie de discurso que tenta buscar a compreensão e a verdade das coisas que o homem experimentou após esse assombro que foi obtido, ao se deparar com a grandiosidade da existência da Natureza que o cercava. E é justamente por isso que Aristóteles vai afirmar no livro da *Metafísica*³⁵ que os homens começaram a filosofar por causa desse mesmo espanto que nasce a partir das dificuldades mais

interesse de todos esses pensadores entre os séculos 4 e 5 na Grécia, a partir das reflexões que tinham a figura do homem como tema central nesse período.

³⁰ Ibidem.

³¹ Έρως/Eros. Na mitologia grega é considerado o deus do amor e do erotismo.

³² Vide o *Banquete*. A postura de Sócrates, que invoca a figura de Diotima nesse diálogo, é uma questão que não pode ser menosprezada. Até dentro desse contexto ele demonstra a importância do diálogo e da alteridade ao dar voz para uma personagem feminina, com o intuito de apresentar a imagem do amor em um ambiente totalmente masculino e monológico. Essa é a pintura que Platão apresenta do período clássico, que estava totalmente voltado para o egoísmo desmedido que era fomentado, segundo o seu olhar, pela pedagogia sofística. O caminho de sua filosofia deveria tomar o sentido inverso. Ou seja, afirmar o não saber socrático era o primeiro passo para a atividade filosófica verdadeira através do exercício do diálogo.

³³ Essa questão da temporalidade é outro ponto importantíssimo para a construção de nosso espaço educacional.

³⁴ Vide Platão, *Teeteto* (155 d) e Aristóteles, *Metafísica* (A 982 b).

³⁵ Ibidem.

simples da vida cotidiana, e que segue, de modo ascendente, em direção aos problemas relativos aos fenômenos celestes³⁶. Para ele, quem experimenta uma sensação de dúvida, e de admiração, acaba inevitavelmente reconhecendo que nada sabe. Conseqüentemente, esse reconhecimento é o que motiva o surgimento de uma curiosidade ampliada que terá o poder de fazer estes homens mergulharem em uma intensa busca para saciar a sua vontade infinita de saber.

Aliás, este é um importante traço observado pelo filósofo macedônio que nos diferencia de todos os outros animais: “O homem é o único animal que por natureza busca o saber”³⁷, e que também possui *lógos*: uma razão articulada que tem o poder de comunicar, criar, congrega e estabelecer um julgamento ponderado sobre todas as coisas. E simultaneamente o homem adquire o poder de transmitir e conservar o seu modo de existência espiritual, político e social, através dessa força imaginativa e criadora que surge do seu pensamento. Nesse momento, e não por acaso, não há como distinguir o poeta do filósofo. Quem ama o mito, de certo modo, é também amante da sabedoria³⁸, pois ambas são criações humanas que tem a pretensão de descobrir a origem de todas as coisas e transmiti-las através da linguagem³⁹. Todas essas chaves interpretativas que apresentamos foram retiradas das obras de Aristóteles, que, segundo o historiador e biógrafo Diógenes Laércio, permaneceu na Academia de Platão por 20 anos aproximadamente⁴⁰. O impacto desse encontro foi tão marcante que o jovem Aristóteles no início de sua carreira escreveu alguns diálogos sob a imagem de seu mestre.

Uma das grandes lições aprendidas com Platão parte do seguinte princípio: através do reconhecimento de nossa mortalidade é que o homem começa a delinear a sua própria existência. Desse modo, não é por acaso que os gregos se referem aos seus deuses como os imortais⁴¹. Ou seja, qualquer poder ou força que vemos atuar em nosso mundo, e que cujo

³⁶ Não há dúvida alguma que esse pensamento foi influenciado por seu mestre Platão. Para a confirmação de nossa hipótese, vide a relação que o filósofo-poeta estabelece de modo proporcional entre o homem, a cidade e o cosmo no diálogo *Timeu*.

³⁷ Idem. *Metafísica* (A 980 a).

³⁸ No grego, há uma aproximação intencional de Aristóteles entre o adjetivo *philomythos* e *philosophos* (*διὸ καὶ ὁ φιλόμυθος φιλόσοφος πὸς ἔστιν: ὁ γὰρ μῦθος σύγκειται ἐκ θαυμασίων/ διὸ καὶ ὁ philomythos philosophos pōs estin: ho gar mythos sygkeitai ek thaumasion*).

³⁹ Idem. *Metafísica* (A 982 b).

⁴⁰ Vide o Livro III e V da seguinte obra: LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Traduzido por Mario da Gama Kury. Brasília: UNB, 2008.

⁴¹ Ἀθάνατοι/Athanatoi. Imortais. Nas *Leis* (Livro IV, 716 c), Platão parte dessa mesma constatação, que também pode ser encontrada em outras obras como *Timeu*, no qual apresenta uma relação proporcional entre o homem, a cidade e o cosmos. A figura do demiurgo é um espelho para o homem, pois nessa idealização é possível estabelecer a construção de um caminho seguro para encontrar a plenitude existencial tão almejada entre os gregos. Curiosamente, é possível perceber que esse artífice divino carrega traços humanos (*Timeu* - 37 c7) que fazem jus aquela passagem bíblica encontrada no livro do *Gênesis* (1:26), que afirma que o homem é feito à imagem e semelhança de Deus. Nesse sentido, o filósofo-poeta parece retomar e reformular esse ideal da sua linhagem nobre que surgiu antes mesmo do período pré-homérico. De um modo geral, o seu pensamento sempre dialogou com a tradição. É importante ressaltar que, mesmo em sua última fase de vida, Platão nunca deixou de demonstrar o seu profundo respeito pela tradição poética homérica. Suas críticas à poesia são formuladas a partir do efeito colateral

nascimento não podemos ver, e que perdura depois da nossa morte, poderia ser nomeado como um deus. Logo, a imortalidade era algo que ultrapassava o limite da nossa compreensão e demarcava o distanciamento entre o mundo divino e humano. Mas eis que surge a seguinte questão: o que seria esse mundo divino para os gregos? Em seu famoso livro sobre o pensamento de Platão, o professor Grube tenta nos dar uma resposta convincente. Ele chama a nossa atenção para uma importante observação feita pelo filólogo alemão Wilamowitz sobre a palavra *deus*. Para o *scholar*, os gregos usavam esse termo como uma noção fundamentalmente predicativa. Em comparação aos cristãos e judeus, por exemplo, quando eles dizem que “Deus é amor”, ou que “Deus é bom”, apontam para a existência de um ser desconhecido, e conseqüentemente fazem um juízo qualitativo em torno desse termo colocando amor, bem e belo como seus atributos. Para um grego, essa ordem era completamente inversa, pois, ao dizer, por exemplo, que o “Amor é deus”, ou a “Beleza é deus”, o grego não estaria apenas pressupondo a existência de uma divindade antropomórfica oculta, mas também falando sobre algo acerca do Amor e da Beleza como realidades não antropomorfizadas, que não podem ser negadas e nem confundidas com os cultos religiosos. Segundo o professor Grube, o sujeito do seu juízo, a coisa pela qual se fala, encontra-se no mundo que conhecemos, e o pensamento pagão estava focado nessa ideia formidável. Ao dizer que o “Amor é deus”, os gregos queriam expressar, fundamentalmente, o caráter sobre-humano de algo que não está sujeito à morte ou à destruição, e que escapa, sobretudo, do domínio do conhecimento dos homens. E nessa mesma direção segue o professor John Burnet, como veremos a seguir:

Não devemos nos enganar pelo uso da palavra deus (théos) nos fragmentos que chegaram até nós. É bem verdade que os jônios a usavam para designar a “substância primordial” e o mundo (ou os mundos), mas isso não significa nem mais nem menos do que o uso dos epítetos divinos “sempre-novo⁴²” ou “imortal” a que já nos referimos. Em seu sentido religioso, a palavra deus sempre significou, antes e acima de tudo, um objeto de culto, mas já em Homero essa deixara de ser sua única significação. A Teogonia de Hesíodo é a melhor evidência dessa mudança. É claro que muitos dos deuses nela mencionados nunca foram cultuados por ninguém, e alguns são meras personificações de fenômenos naturais, ou até de paixões humanas. Esse uso não religioso da palavra deus é característico de todo o período que estamos abordando, reconhecê-lo é extremamente importante, pois, com isso, não incorreremos no erro de fazer a ciência derivar da mitologia. Percebemos isso, acima de tudo, pelo fato de desde o início, enquanto a religião primitiva considerava divinos os corpos celestes e o próprio céu – e, portanto, de natureza inteiramente diferente de todas as coisas existentes na Terra –, os jônios terem se posicionado contra qualquer distinção dessa ordem, embora ela lhes devesse ser perfeitamente conhecida através de crenças populares. Aristóteles retomou essa distinção tempos depois, mas a ciência grega começou por rejeitá-la (BURNET, 2006, p. 29-30).

que produzia durante o surgimento da Democracia, através de Simônides de Ceos, e do surgimento do movimento pedagógico sofisticado.

⁴²A expressão “sempre-novo”, com hífen, está gramaticalmente correta dependendo do contexto — especialmente se for usada como adjetivo composto antes de um substantivo.

Mesmo com algumas discordâncias da posição defendida pelo professor escocês John Burnet, que defende o mito como algo inferior em relação ao pensamento filosófico, a sua exposição se coaduna com algumas de nossas considerações apresentadas. Enfim, esse caráter divino, que é ressaltado pelos gregos desde o período pré-homérico, como um parâmetro, ou fronteira, que demarca o espaço da mortalidade humana parece ter sido uma questão que atravessou a história helênica, desde o seu início até o período clássico de diferentes modos⁴³. É importante ressaltar que a maioria desses intelectuais que disputavam o espaço da cidade com Sócrates não demonstravam mais interesse nessas questões por causa das demandas do cotidiano político que iam se ampliando dentro desse contexto histórico. Como foi visto na passagem que apresentamos anteriormente do diálogo *Fedro*, o questionamento do mestre de Platão tinha a cidade como o seu próprio espelho.

A Democracia impõe aos cidadãos mais abastados uma exigência de encontrar uma habilidade discursiva eficiente para vencer os inúmeros debates jurídicos e políticos. Nesse novo contexto, a verdade foi apartada do mundo divino e relativizada através do agnosticismo de pensadores como Protágoras. Nesse sentido, as questões metafísicas dos primeiros filósofos são substituídas pelo interesse persuasivo com o intuito de obter a vitória em qualquer circunstância. Esse traço produziu um terrível efeito colateral na estrutura sociopolítica da cidade que levou à condenação de Sócrates. Ao diagnosticar todos esses problemas, se fez necessário uma mudança radical na base política e pedagógica da cidade. Por isso que a retirada de seu mestre do interior da cidade parece revelar esse desejo de fornecer à filosofia um distanciamento estratégico que visa reconectar o homem com seus princípios mais básicos e primordiais, oriundos da Natureza como um cosmo vivo e integrador, que tem o poder de regular o mundo humano de modo harmônico. A velocidade imposta por esse ritmo frenético da cidade já não é mais compatível com esse tempo descompromissado de uma reflexão filosófica mais apurada. Sendo assim, a filosofia precisa defender a sua autonomia com unhas e dentes para ajudar a humanidade a sair de seu estado de menoridade. A dedicação com que Platão investiu ao compor a sua vasta obra durante a sua trajetória pode falar por si mesma. O trabalho de purificação de todas as opiniões é um ofício que só pode ser elaborado de modo compartilhado e com muito esforço e coragem através do diálogo. Como foi ressaltada por nós anteriormente, essa nobre ação que se faz pelo reconhecimento da alteridade apresenta a

⁴³ Podemos encontrar essas diferentes tonalidades através das obras dos principais tragediógrafos gregos, a saber: Ésquilo, Sófocles e Eurípides.

responsabilidade e a solidariedade como fundamentos necessários para o homem encontrar a sua plenitude humana na vida social através da moral e da educação.

Quando nos deparamos com o desafio de criar um projeto de educação informal na Fundação Progresso, tivemos que avaliar todos os obstáculos do nosso mundo contemporâneo, que, de certo modo, não estavam distantes dos problemas enfrentados por pensadores como Platão e Aristóteles em sua época. A emergência e euforia da cidade continua se impondo de modo avassalador sobre as vidas dos cidadãos, sobretudo dos mais pobres que não veem no processo educativo uma emancipação do espírito, mas como um mero meio para uma rápida ascensão social e financeira, onde tudo é acelerado e beira à esquizofrenia provocada pela pobreza e a imediatez. E não podemos criticá-los, pois o senso comum, de modo interessado, fomenta diariamente nas redes sociais e nas propagandas de massa essa triste noção. Não há chance e nem tempo para pensar com profundidade. Todas as coisas parecem nos levar a um caminho do automatismo e da mediocridade generalizada.

Ao desconstruir o espaço escolar, a nossa intenção era possibilitar uma experiência mais imersiva e leve para que os jovens pudessem estar mais à vontade para refletir esses problemas relacionados ao nosso futuro e bem-estar. Para criar esse distanciamento do modelo tradicional do espaço escolar, que infelizmente ainda insiste nos mesmos erros de ser constituído em um ambiente fechado, previsível e tedioso, se fez necessário criar um espaço itinerante que trouxesse no aspecto estético esse movimento de transformação da vida, do tempo e do pensamento.

Para o sucesso de tal objetivo, inicialmente, exigimos em nosso projeto que fosse construída uma sala dentro da biblioteca do NEC com grandes almofadas e sofás que eram espalhadas pelo espaço simulando uma sala de estar, no qual tínhamos diversos clássicos literários e filosóficos que eram utilizados como referência para os nossos encontros. Dentro desses espaços, as paredes foram pintadas com tons mais suaves, e decoradas com algumas pinturas. Essa estratégia foi muito importante para criar um ambiente mais descontraído e sociável para todos os participantes. O conforto propiciava uma sensação de tranquilidade e comodidade que foi muito proveitoso para os nossos encontros semanais. Além dessa sala, nós tínhamos também uma videoteca para assistir filmes, shows e documentários que eram escolhidos cuidadosamente a partir da temática de cada encontro. Posteriormente, os jovens começaram a criar mensalmente um cineclubes que era uma continuidade dessa proposta inicial⁴⁴ de fomentar o protagonismo.

⁴⁴ Através dessa atividade, estávamos cumprindo o objetivo de fomentar protagonismo juvenil que foi exigido pelo MEC.

E depois do resultado positivo desses três primeiros meses de projeto, mais dois espaços foram utilizados para produzir esse efeito de deslocamento estratégico. O terceiro era o terraço da Fundação Progresso, que é totalmente aberto e nos fornecia uma vista panorâmica da cidade do Rio de Janeiro com sua beleza e miséria coabitando na mesma paisagem, que sempre foi instigante para nossos debates por causa da sua geografia marcada pelos fatos do passado e do presente. E o quarto espaço utilizado era o jardim da Praça Paris no bairro da Glória. Inspirado na belíssima passagem que apresentamos anteriormente do diálogo *Fedro* de Platão, esse ambiente era destinado para temas relacionados ao amor e a criação poética. Todas as obras artísticas e arbustos do local nos servia como um excelente local ao ar livre para os nossos estudos filosóficos mais profundos. Sendo essa uma das atividades mais apreciadas pelos jovens.

Dentro do nosso plano metodológico de ensino, o propósito central era desconstruir o papel verticalizado, da escola tradicional, da relação entre o professor e o aluno que ainda é aplicado na maioria das escolas do nosso país. Em todos os encontros, nossa disposição espacial era distribuída em um grande círculo que deveria fomentar esteticamente e eticamente a igualdade e a solidariedade. Essa estratégia foi, sem dúvida alguma, um dos pontos mais importantes de nosso projeto, pois era muito comum ouvir de alguns jovens participantes que esse direito era negado em casa e na escola. E a partir dessa demanda, decidimos utilizar duas obras centrais para a nossa fundamentação teórica. A primeira foi o livro *Como ouvir* de Plutarco, que apresenta um método para ampliar o nosso poder auditivo, uma escuta ativa, que é essencial para a nossa capacidade reflexiva e expressiva, pois a oportunidade de desenvolver a arte de ouvir e de saber falar no momento oportuno era algo fundamental para o sucesso do processo dialógico apresentado em nosso curso.

Tendo em vista esse pressuposto metodológico, a segunda obra que utilizamos foi a *Retórica* de Aristóteles. Esse estudo foi bem proveitoso, pois foi possível discutir sobre diversos aspectos que envolveram questões lógicas para uma boa construção argumentativa, e também algumas noções psicológicas, através da análise das emoções da retórica das paixões de Aristóteles. Para treinar essas habilidades retóricas, foram desenvolvidas duas atividades: a primeira consistia em analisar o comportamento e a argumentação de vários candidatos durante o processo eleitoral no Youtube. Os alunos deveriam descrever as suas observações e apresentá-las posteriormente em nossos encontros semanais. A segunda atividade consistia em uma vez por mês escolher um tema para ser discutido de modo coletivo. Dividíamos os jovens em dois grupos, os quais deveriam debater respeitando todas as regras argumentativas apresentadas previamente. Essa experiência trouxe diversos benefícios que ampliaram o poder de reflexão e

argumentação dos jovens. Os materiais literários, musicais, cinematográficos e humanos eram utilizados para aprimorar a capacidade escrita e oral. A biblioteca funcionava como um ponto de encontro e de pesquisa durante seis dias na semana. No final do primeiro ano, para a nossa grande surpresa, a avaliação pedagógica constatou que a maioria dos jovens participantes do curso tiveram um excelente desempenho escolar, que deu a possibilidade para que nosso projeto tivesse continuidade nos próximos anos. Essa façanha nos motivou a desenvolver novas formas de possibilitar a expansão de nossos objetivos pedagógicos. No segundo ano, ampliamos as oficinas de filosofia e criação poética com a inserção de várias atividades de composição textual e musical. Nosso objetivo através do uso de obras musicais e literárias era expandir ainda mais a capacidade imaginativa dos jovens para a atuação em seus respectivos cotidianos familiar e escolar.

Dado o sucesso desse projeto educacional experimental no NEC (Núcleo de Educação e Cultura), essa experiência educativa informal foi apresentada posteriormente para outras escolas do ensino médio do Estado. É importante ressaltar que oferecemos nesses nove anos diversas palestras para a comunidade e oficinas para educadores. Uma dessas oficinas que merece o nosso destaque, durante esse período, foi para os alunos, professores e coordenadores da cidade de Nova Friburgo, que sofreram com a terrível catástrofe das enchentes ocorrida no ano de 2011. O nosso trabalho visava resgatar a autoestima dos mestres e jovens dessa região. Para atendermos essa demanda atípica, tivemos que adaptar algumas de nossas atividades. Optamos por apresentar as noções mais importantes que o diálogo filosófico inclusivo pode oferecer para nós em momentos de crise e superação. Utilizando a mesma base teórica que foi inspirada no pensamento grego antigo, a qual aplicamos para a fundamentação de nosso projeto de educação, expomos os principais pontos de nossas atividades e dificuldades para o exercício de qualquer projeto inovador, sobretudo, em um país que ainda não sabe valorizar de modo adequado os seus mestres e alunos.

Seja como for, a nossa luta diária para o crescimento de nossa sociedade através da educação precisa fomentar esse debate dentro e fora do espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ARISTOTLE. *Politics*. Translate by H. Rackham. Vol. XXI. Loeb Classical Library, Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1944.

_____. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.

BURNET, John. *A aurora da filosofia grega*. Tradução de Vera Ribeiro, Agatha Bacelar, Henrique Cairus e Tatiana Oliveira Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

DETIENNE, M. *Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*. Paris: Maspero, 1967.

FLECHA, R. *Compartiendo palabras: el aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Editora Paidós, 1997.

FOUCAULT, Michel. *L'Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

GRUBE, G. M. A. *Plato's Thought*. Indianapolis: Hackett, 1980.

KROPOTKIN, Piotr. *Mutual Aid: A Factor of Evolution*. Mineola: Dover, 2012.

LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Traduzido por Mario da Gama Kury. Brasília: UNB, 2008.

MANACORDA, M. A. *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*. Tradução: Gaetano Lo Monaco. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

MARROU, Henrie-Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. Tradução de Mario Leônidas Casanova. São Paulo: Editora Herder; Universidade de São Paulo, 1969.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HADOT, P. *Qu'est-ce que la philosophie antique?*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de F. Loque e L. Oliveira. São Paulo, Ed: É Realizações, 2014.

HALLIWEL, S. *Aristotle's Poetics*. London: Oxford University Press, 1996.

HAVELOCK, Eric A. *A musa aprende a escrever: Reflexões sobre a oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente*. Lisboa: Gradiva, 1996.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Aristotle: Fundamentals of the history of his development*. Oxford: O.U.P., 2ª ed, 1967.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora UFPA, 2011.

PLATO. *in 12 volumes*. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press; Londres: William Heinemann Ltd, 1969.

_____. *Fedro, Cartas e o Primeiro Alcibiades*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1973.